

Oferta Especial: R\$1,90 no 1º mês ASSINE A FOLHA

TODAS

Mulheres são pelo menos 60% das ginecologistas no país

Especialidade, antes mais ocupada por homens, viveu transição nas últimas décadas

F DE UM CONTEÚDO

Andreza de Oliveira

SÃO PAULO No Brasil, a **ginecologia** é dividida de forma equilibrada entre homens e mulheres. São 60,9% de mulheres exercendo a especialidade ante a 39,1% de homens, segundo a Demografia Médica da AMB (Associação Médica Brasileira). No total, o estudo contabilizou 37.327 profissionais com o título no país até 2023.

Por outro lado, especialidades em que a maior parte dos pacientes é homem, como a **urologia**, tem **97,1% de homens exercendo a profissão** e apenas 2,9% das mulheres ocupando o mesmo cargo.

Médico ginecologista e obstetra há quase meio século, Cesar Eduardo Fernandes é presidente da AMB e diz ter assistido a uma transição dentro da especialidade. Em décadas anteriores, o número de homens na profissão era muito maior que o de mulheres em qualquer área.

A mudança na ginecologia passou a ser mais perceptível, segundo ele, há uns 20 anos —o que pode justificar ainda uma percepção de que mulheres mais velhas tendem a aceitar mais facilmente um profissional homem a examinando, diferente das mais jovens.

"Essas mulheres [mais velhas] podem estar acostumadas a passar com ginecologistas homens e se sentem acolhidas e respeitadas assim. Em relação às mais jovens, vejo uma oferta maior de profissionais mulheres da ginecologia, mas não dá para afirmar se elas preferem por um maior conforto ou por uma questão de oferta, ou os dois", diz Fernandes.

Entre pacientes, é comum que algumas prefiram atendimento com profissionais do mesmo gênero, enquanto outras tendem a mostrar predileção por homens.

Mulheres divergem sobre preferência de especialistas da ginecologia - Catarina Pignato

Em uma consulta de rotina com a ginecologista, a estudante Beatriz Acarine, 20, se sentiu desconfortável com uma fala da médica. O episódio resultou em um vídeo de desabafo nas redes sociais em que a jovem buscava encorajar outras meninas a deixarem de temer o atendimento ginecológico com homens.

Preocupada com a saúde íntima desde os 13 anos, a estudante sempre optou por médicas ginecologistas mulheres para se sentir mais confortável.

Em uma dessas consultas, após queixar-se de dor ao fazer um exame, a médica disse à jovem que o canal vaginal tinha sido feito para acomodar um pênis, então a dor do bico de pato —instrumento utilizado no **papanicolau**— seria menor.

"Na época eu até achei engraçadinho. Mas aquela fala me incomodou e não quis mais ser atendida por ela", diz Beatriz que, por conta do ocorrido, decidiu seguir os passos da mãe e da avó que só gostavam de se consultar com homens.

todas

Discussões, notícias e reflexões pensadas para mulheres

Digite seu e-mail

Para ela, a consulta com um profissional do gênero oposto ocorreu dentro do esperado, com a diferença de que, neste caso, uma auxiliar entrou no consultório para acompanhar o atendimento à Beatriz.

Uma determinação do **CFM** (Conselho Federal de Medicina) diz que, para **atendimento ginecológico**, é indicada a presença de uma pessoa do gênero feminino. De acordo com a presidente da Febrasgo (Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia), Maria Celeste Osório Wender, esse parecer dá, além de segurança ao paciente, uma tranquilidade maior ao médico.

Além disso, a Lei 14.737, sancionada em 2023, garante às mulheres o direito de ter um acompanhante em qualquer tipo de atendimento realizado nos serviços de saúde públicos e privados, especialmente em procedimentos que envolvam sedação ou anestesia, nos quais a mulher possa estar em situação de vulnerabilidade.

Comentários vindos de médicos como a que atendeu Beatriz, apesar de tentar ilustrar a situação ao paciente, são subjetivos e podem gerar mal-entendidos, segundo a médica.

O recomendado, de acordo com a representante da Febrasgo, é que os profissionais expliquem o que está acontecendo com o corpo do paciente sempre pedindo permissão e descrevendo o que vai ser feito. "Precisa ser anunciado de alguma maneira para que o paciente se sinta confortável e entenda que aquilo aquilo vai ser executado com respeito e rigor científico", diz Wender.

Diferente de Beatriz, a jornalista Marina Azambuja, 30, diz que opta por profissionais mulheres da ginecologia.

Natural de Frutal (MG), a cerca de 600 km de Belo Horizonte, Marina sempre se consultou com a mesma profissional, indicada por familiares e a quem até chamava de tia. "Ela me deixava muito à vontade e tirava todas as minhas dúvidas. Me sentia tranquila com o meu corpo", diz.

Ao se mudar para São Paulo (SP), precisou também mudar a médica. Após ouvir diversos comentários de outras mulheres que faziam acompanhamento com homens, decidiu buscar atendimento com um ginecologista do gênero oposto. A experiência não agradou. "Tinha dúvidas sobre métodos contraceptivos e pensava em **colocar DIU**, mas ele não me explicou nada sobre o que era", afirma Marina.

Relatar coisas pessoais da vida íntima e até mesmo para fazer o exame ginecológico com um profissional homem também assombra a jornalista, que diz se sentir desconfortável. "Não quero falar da minha vida íntima e nem ficar nua na frente de um homem que não conheço. Da última vez me senti constrangida e o exame chegou a ser doloroso".

O que saber sobre calcinhas para cuidar da saúde íntima

Casos de assédio como de **Roger Abdelmassih** e de outros médicos que ganharam repercussão nacional também corroboram para a opinião de Marina. "Não gosto nem de pensar que poderia ser comigo. Então prefiro sempre ser atendida por mulheres porque sei que não vou correr esse risco".

De acordo com Wender, há uma tendência de que a proporção de mulheres atuando na ginecologia seja maior com o tempo. O percentual do gênero se formando dentro das faculdades de medicina têm crescido, assim como o interesse desse público pela especialização.

"E várias questões podem explicar isso, desde mercado a uma maior afinidade das mulheres nessa especialidade", explica a médica.

Para a presidente da Febrasgo, a predileção pelo profissional de um gênero ou de outro pode ser muito individual. "Mas eu acho que nos resume a uma questão de gênero, e cada pessoa tem aí a sua competência, a sua afinidade, a sua compreensão, perspicácia. Acho que independe de gênero", diz Wender.

Como parte da iniciativa Todas, a Folha apresenta mulheres com **dois meses de assinatura digital grátis**

★ ★ ★

F DE UM CONTEÚDO

tópicos

LEIA TUDO SOBRE O TEMA E SIGA:

mulher saúde

sua assinatura vale muito
Mais de 180 reportagens e análises publicadas a cada dia. Um time com mais de 200 colunistas e blogueiros. Um jornalismo profissional que fiscaliza o poder público, veicula notícias proveitosas e inspiradoras, faz contraponto à intolerância das redes sociais e traça uma linha clara entre verdade e mentira. Quanto custa ajudar a produzir esse conteúdo?
ASSINE POR R\$ 1,90 NO 1º MÊS

ENVIE SUA NOTÍCIA ERRAMOS?

comentários

COMENTE

Comentar é exclusividade para assinantes.
Assine a Folha por R\$ 1,90 no 1º mês

mais lidas em equilíbrio e saúde

VER TODAS

- 1 FOLHAJUS** Sobre a Folha Política de Privacidade Expediente Acervo Folha Princípios Editoriais Manual de conduta Seminários Folha Clube Folha Clube Folha Gourmet Séries Folha Coleções Folha Trabalho na Folha Treinamento Circulação Verificada
- 2 MEDICINA** Médicos são investigados por negar existência do câncer de mama e questionar mamografia
- 3 CÂNCER** Anvisa aprova novas imagens de advertência para embalagens de cigarro
- 4 MEDICINA** Conselho Federal de Medicina acusa médica de difamação e pede indenização de R\$ 100 mil
- 5 PROJETO SAÚDE PÚBLICA** Ilusão com dinheiro fácil, curiosidade e fascínio alimentam o vício em bets

últimas notícias

GOVERNO LULA < >

Governo avalia limite global para despesas obrigatórias com gatilhos de contenção

Lógica da proposta é desacelerar expansão de gastos e gerenciar expectativas diante de desconfinança do mercado

31.out.2024 às 9h46

MEU INCONSCIENTE COLETIVO < >

Tati Bernardi fala em podcast sobre pessoas que 'pegam e não se apegam'

Episódio de Meu Inconsciente Coletivo tem a participação do psicanalista e professor Daniel Kuperman

31.out.2024 às 6h00

MERCADO DE TRABALHO < >

Desemprego tem menor taxa da série para 3º tri; IBGE vê reflexo de economia aquecida

Indicador recua a 6,4% até setembro, e número de pessoas com trabalho renova recorde (103 milhões)

31.out.2024 às 9h02

FOLHA DE S.PAULO

Sobre a Folha Política de Privacidade Expediente Acervo Folha Princípios Editoriais Manual de conduta Seminários Folha Clube Folha Clube Folha Gourmet Séries Folha Coleções Folha Trabalho na Folha Treinamento Circulação Verificada

FALE COM A FOLHA

Anuncie (Publicidade Folha) Atendimento ao Assinante Erramos Fale com a Folha Ombudsman Painel do Leitor

EDITORIAS

Política Economia Cotidiano Mundo Esporte Saúde Equilíbrio Ilustrada Ilustração Comida FS Podcasts Folhinha Saúde Ciência Ambiente Equilíbrio Fotografia TV Folha Educação Turismo Guia Folha Empreendedorismo Banco de Dados

OPINIÃO

Opinião Colunas e Blogs Quadrinhos Charges Cartunistas MAIS SEÇÕES Brasília Hoje Dias Melhores Folha Social+ Seminários Folha Folha In English Folhainvest Folhaleaks Folha Mapas Folha Tópicos Folha Transparência Últimas notícias Versão Impressa Mapa do site

SERVIÇOS

Aerospotas Classificados Folha Informações Horóscopo Loterias Mortes Tempo

OUTROS CANAIS

Datafolha Estúdio Folha Publicidade Legal Folha Eventos Top of Mind

CANAL DA FOLHA

Fale com a Redação Mapa do site Atendimento ao Assinante Ombudsman Política de Privacidade

NEWSLETTER

Digite seu e-mail

f x in @ p s

A Folha integra o The Trust Project

O jornal Folha de S.Paulo é publicado pela Empresa Folha da Manhã S.A. CNPJ: 60.579.703/0001-48